

E' numa praça deserta.

Noite de Natal.

Ao fundo, por entre arvores, casas com janelas ilu-
minadas. Bem na frente um banco em que está sentado um
sujeito triste, de barba crescida, mal vestido.

1a. PERSONAGEM - (falando como em sonho) - Quando as estrelas
treme-tremiam no ceu claro, o grande milagre aconte-
ceu...

Neste momento entra a 2a. PERSONAGEM. Senta-se tam-
bém no banco em que está a 1a.. E' um homem fortemen-
te moreno.

2a. PERSONAGEM - Boa noite, moço.

1a. PERS - Então os três magos subiram ao dorso dos camêlos...

2a. PERS - Boa noite...

1a. PERS - E viram que... - boa noite!

- por entre o pó branco das estrelas...

Pára bruscamente, como si despertasse.

Ha um silencio curto.

2a. PERS - O senhor tem?...

1a. PERS - Que é?

2a. PERS - Diga logo: tem?

1a. PERS - Não entendo... Explique-se.

2a. PERS - (cochichando) - O pó...

1a. PERS - Coca?

2a. PERS - Coca.

1a. PERS - Está enganado.

2a. PERS - Então o senhor não é?...

1a. PERS - Não sou.

2a. PERS - Desculpe. Pensei... Assim falando sôsinho, de noi-
te... "Por entre o pó branco..." Desculpe.

1a. PERS - Eu falava no pó branco das estrelas, compreende?

2a. PERS - E a coca não será o pó branco lá dos outros mundos?...

1a. PERS - Talvez. Mas quem é o senhor?

2a. PERS - Sou uma cousa muito feia. Os jornais combatem todos
os dias.

1a. PERS - Politico?

2a. PERS - Não. Tenho uma profissão exquisita. Nunca queira ser
o que sou. Não vê que... ora! o senhor sabe... Costu-

CORTE

CORTE



mam chamar... ora! pro... proxeneta.

- 1a. PERS - É pena...
2a. PERS - E o senhor que é?
1a. PERS - Oh! Não digo, tenho vergonha.
2a. PERS - Diga logo...
1a. PERS - Emfim...
2a. PERS - Vamos, diga...
1a. PERS - O senhor não vai fazer troça?
2a. PERS - Não. Pode dizer.
1a. PERS - Pois eu sou poeta.
2a. PERS - É pena...

Entra a 3a. PERS. É um preto maltrapilho.

- 3a. PERS - Licença?...

Senta-se também no mesmo banco. Ha um longo silencio. As vezes uma das três personagens suspira. Todas teem o ar acabrunhado.

- 2a. PERS - (pra o preto) - O senhor senhor também é poeta?
3a. PERS - Não. Sou ladrão.

Novo silencio. Vem das casas vizinhas um barulho de festa: risos, retintim de cristais, gritos.

- 1a. PERS - Natal...
2a. PERS - (pra o preto) - Você nunca foi creança?
3a. PERS - Não me lembro.
2a. PERS - (pra 1a.) - E o senhor?
1a. PERS - Fui. Mas longe, longe...

Outra vez ficam calados por algum tempo. E o silencio é tão inquietante e angustioso e tristonho, que pa rece que os três homens querem trocar confidencias.

- 3a. PERS - Tanta comida lá naquela casa. E eu, com fome... (Es palma a mão sobre o estomago). A semana passada estive na cadeia. Tão bom! Ao menos tinha comida e cama. Inda acabo roubando de novo... - (Pra os interlocutores) - Os senhores teem alguma cousa pr'eu roubar? Lá na esquina está um guarda... (A 1a. e a 2a. PERS sorriem .. com amargor.) Eu quero voltar pra cadeia.
2a. PERS - Hoje estou triste. Num tempo eu já fui feliz. Era bom. Guri, tinha pai e mãe. Ganhei arvore de Natal... Pulei e cantei. Hoje - malandro e perdido - a unica - cousa pura que tenho é a lembrança disso...
1a. PERS - Também eu tenho a minha arvore de Natal, lá longe, longe no passado... Papai Noel, o velhinho barbudo, vinha na pontinha dos pés com o sacco de brinquedos... Eu sonhava com os sapatos que estavam debaixo da cama... (Suspira) Tão longe! E esta noite morna, este ceu... - Os senhores não vão rir si eu chorar?...
2a. PERS - Ora...

3a. PERS - Pois eu rio. Homem não chora. Si o senhor provasse o
que eu provei... Não chore que é feio...

1a. PERS - Obrigado. Isso conforta.

2a. PERS - Pode chorar. Conte com o meu apoio. Talvez eu chore tam
bém. Porque esta noite esta mexendo com os meus ne
vos...

1a. PERS - (bruscamente) - O senhor mentiu. O senhor é poeta. Está
disfarçado de proxeneta. Eu sei, eu sinto. Não nêgue.

2a. PERS - Juro que lhe disse a verdade.

1a. PERS - Tem vergonha?...

Uma música suave alaga o ar tepido. Vem da casa vi
zinha onde ha crianças e presêpes? Ou vem das estre
las?

Os três homens se submergem num silencio que doi.

1a. PERS - Amigos, não podemos perder a noite. Vamos fazer alguma
cousa pura...

2a. PERS - Pura?

1a. PERS - Sim. Pura. Ao menos hoje. Só hoje.

2a. PERS - Quê?

1a. PERS - Vamos brincar de Natal.

3a. PERS - Isso é besteira...

2a. PERS - Explique-se...

1a. PERS - Os reis magos eram três. Um era branco. Outro, moreno co
mo bronze. O terceiro, negro como as noites vazias de
estrelas.

3a. PERS - Isso não é fita de cinema?

1a. PERS - Nós somos os três reis magos. Eu sou Gaspar. (Pra 2a.
PERS) - Tu és Melquior. (Pra o preto) - E tu, Balta
zar...

3a. PERS - Depois?

1a. PERS - Vamos procurar o menino Jesus. Ele vai nascer hoje pra
redimir o mundo. Então não haverá mais desgraçados.
Nem poetas, nem proxenetas, nem ladrões. Tudo ficará
puro e contente.

2a. PERS - Mas será que o encontramos?

1a. PERS - A estrela grande do Oriente nos guiará. Assim rezam as
Escrituras. Que tal? Vamos?

2a. PERS - Que mal ha nisso, não é?

3a. PERS - Mas a gente continua com fome...

1a. PERS - Somos os três magos.

2a. PERS - Somos os três magos.

1a. PERS - Olhem, lá... (Aponta prao alto) - A estrela grande, bri
lhando... Vai acontecer o misterio do Natal. Vamos, -
Melquior, vamos, Baltazar. Aceleremos o passo dos nos
sos camêlos. Vamos levar nossos presentes ao Filho do
Homem.

Caminham. Com os olhos na estrela que nenhum real



mente vê... Parecem sonambulos. Ou doidos. Mas sorriem

2º QUADRO

Em outro recanto da mesma praça. Uma mulher pobre está sentada num banco. Tem nos braços uma creança.

Os três magos entram em scena. Como quem entra - num sonho.

GASPAR - (apontando pra o banco) - A estrela parou sobre o estabulo. O grande milagre aconteceu. Eis o Filho do Homem...

MELQUIOR - (inconcientemente) - Eis o filho do homem...

BALTAZAR - Vamos ajoelhar.

Ajoelham-se. A mulher recua, assustada. Aperta o filho contra o peito.

A MULHER - Tenham dó de mim.

GASPAR - Nada temas, Maria. Vimos adorar o menino. Nossos camêlos ficaram lá, sob as palmeiras. Somos três reis poderosos.

A MULHER - Mas...

GASPAR - Vamos, amigos, apresentemos as nossas oferendas.

MELQUIOR - (Tirando do bolso uma cedula de 20\$000) - Toma, creança, é tudo o que tenho. A ultima nota: ~~era pra comprar um tiquinho do pó que dá a ilusão~~ Toma, ~~é tua~~. (A mulher segura o dinheiro e sorri).

A MULHER - Como o senhor é bom...

GASPAR - Eu te dou isto. Cinco mil réis. É o preço do meu último poema. É teu. (Apresenta uma cedula, que a MULHER apnha, deslumbrada).

A MULHER - Nem sei como agradecer.

GASPAR - (pra o preto) - Agora tu, nobre etiope.

BALTAZAR (gaguejando) - Eu... eu... não tenho nada pra dar. (Fica com a cabeça baixa, os olhos pregados no chão, como - que vergado sob o peso duma vergonha muito grande.)

GASPAR - (com voz estrangulada) - Nós todos te trazemos a nossa - grande tristeza. (Soluça). Tu não devias ter nascido. Vais sofrer. Teu sacrificio será inutil. Os homens não compreenderão... (Chora).

MELQUIOR - Que é isso, Gaspar?...

GASPAR (em delirio) - Não, Jesus, não! Não te sacrifiques pela humanidade. Ela é ingrata. Sempre haverá desgraçados. O teu sofrimento serão vão. Continuará a existir o odio, a dor. Haverá sempre poetas, proxenetas e ladrões: (... Grita) Não! Eu tenho pena de ti, inocente! Não!

BALTAZAR - Olha o guarda, seu Gaspar...

GASPAR - (arrebatado) - Morrerás na cruz, sofrendo e perdoando... Mas a terra não se libertará de sua miseria.

~~E os homens roubarão... E tomarão o pó branco que dá ilusão... E farão versos... Só pra esquecer que a vida~~



é amarga. Não! Jesus, eu vou te levar comigo, eu vou... Hei de te esconder num lugar puro onde a furia dos homens não te possa descobrir. (Faz menção de agarrar o pequeno. A mãe levanta-se, apavorada, e põe-se a gritar. Baltazar e Melquior tentam acalmar Gaspar, que parece enfurecido. Um guarda surge).

O GUARDA - Está preso.

GASPAR - Bruto! És centurião de Herodes. Herodes, mandou matar to das as crianças, pra poder destruir a vida do Menino Jesus.

Bruto! (Investe contra o guarda, que o subjuga facil mente).

MELQUIOR - Seu guarda, esse homem é bom. Parece que está doente, de lirando...

BALTAZAR - Nós estamos brincando de Natal.

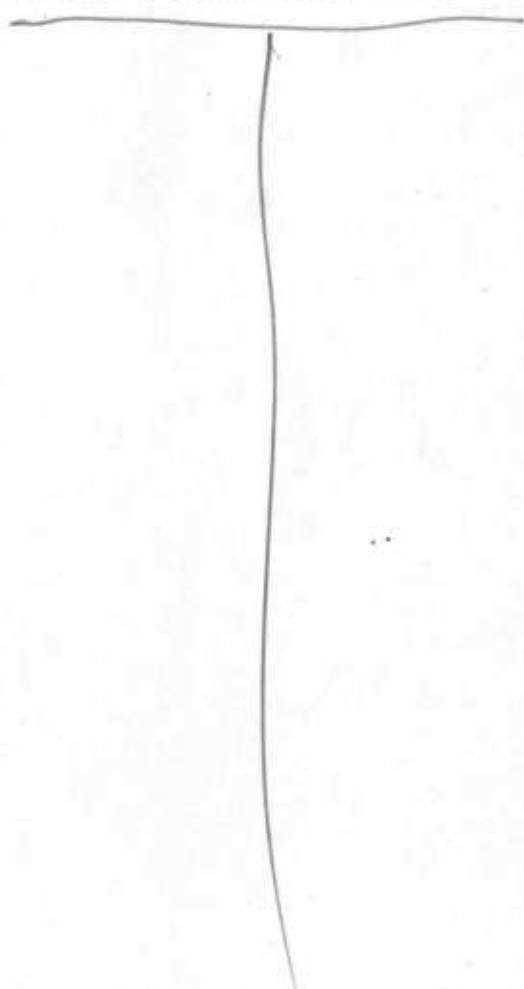
O GUARDA - Ele vai explicar tudo na Delegacia. (Sai com Gaspar pre so pelo braço. A mulher também se retira com o filho. Baltazar e Melquior ficam, melancolicos...)

MELQUIOR - Coitado! O brinquedo acabou mal mas foi bonito. Nunca mais me esquecerei disto...

BALTAZAR - Ao menos um dia na vida eu fui rei... Rei magro... (Saem devagar).

E a praça outra vez fica deserta. Tudo quieto. O ceu parece que vae vergar sob o peso dos astros. E a vida continua. E muita gente passa, e conversa e o lha...

Mas ninguem não fica sabendo daquele misterio novo da noite de Natal. E bonito como o suave misterio do Natal de verdade. Ha muitos, muitos anos, em Belém...



SBAT

LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FIM DE CENSURA DO TEX-
TO. A REPRESENTAÇÃO ESTÁ
SUJEITA À NOVA AUTORIZAÇÃO



CREATURAS versus CREADOR

PERSONAGENS

- A MULHER
- O MARIDO
- O HOMEM QUE PASSA
- O AUTOR

Manhã de sol. Sala de paredes nuas e mobiliada com
simpleza. Portas a direita e a esquerda. No fundo, ao
centro, uma janela escancarada por onde a luz entra a
jorros. No meio da sala, um sofá com duas poltronas de
couro.

Quando o pano sobe a MULHER está junto a janela, o
lhando pra fora.

CENA I

A MULHER e depois o HOMEM QUE PASSA.

A MULHER (mentalmente) - Que linda manhã! E quanta gente na rua
... Oh! Aquele senhor que lá vem... Como está bem tra-
jado! que distinção de maneiras! que elegancia no cami-
nhar!... Correto. E não é feio, palavra, não é feio...
Mas o maroto! Não tira os olhos de mim... Oh! Sorrin-
do... Desafortado! nunca vi essa cara... Tira o chapéu,
cumprimenta... Bom dia! Quasi se curva até o chão... -
Insolente! Que será que pensa de mim? Ora... uma senho-
ra honesta, casada apenas ha dois anos... (Debruça-se-
à janela) Mas... como? Caminha pra porta... Entra... -
Oh!

A porta da direita se abre bruscamente e dá passa-
gem a um cavalheiro elegantemente vestido. Tem os cabé-
los escandalosamente untados de brilhantina, bem lambi-
dos, e divididos ao meio por uma risca geometricamente
impecavel. Traz o chapéu na mão esquerda; a bengala ..
pende-lhe do mesmo braço; a dextra aperta alvas luvas
de pelica.

A MULHER - (timidamente) - Cavalheiro... desculpe... Mas... que
deseja?

O HOMEM QUE PASSA - Um momento de prazer.

A MULHER - Não entendo, palavra, não entendo. O senhor decerto
está enganado. Eu... eu... Queira retirar-se, sim?

O HOMEM QUE PASSA - (cinicamente) - Eu nunca me engano...

A MULHER - Que quer? Explique-se. Como se chama?

O HOMEM QUE PASSA - Eu sou o Homem que passa.

A MULHER - Porque entrou sem pedir licença? Isto não se faz. De-
via ter batido a porta, mandado o seu cartão de visi-
ta...



ta...

O HOMEM QUE PASSA - (sorrindo) - Eu sou o desejo... E o desejo nunca bate a porta e não costuma mandar cartão de visita...

A MULHER - (tomada de curiosidade) - É interessante, palavra que é...

(Mostrando a poltrona) - Queira sentar-se. (O HOMEM QUE PASSA obedece. A MULHER toma-lhe o chapéu e a bengala, leva-os ao cabido, volta e senta-se no sofá.)

O HOMEM QUE PASSA - É um maravilhoso romance para uma manhã de sol. Já viu como está linda a paisagem? Principalmente o céu. Parece uma taça invertida de porcelana azul... transbordando de luz, ha velas brancas manchando alvamente o mar. A vida é uma loucura!

A MULHER - (interessada) - Lindo, palavra, lindo! O senhor é poeta?

O HOMEM - (cariciosamente) - Minha senhora, sou simplesmente um homem que busca o prazer... (Bruscamente levanta-se da poltrona e atira-se sobre o sofá.)

A MULHER - (recuando, assustada) - Oh! Sou uma mulher honesta! E casada, sabe?

O HOMEM - Não quero saber. Pra mim é apenas uma mulher bonita. E, como todas as mulheres bonitas, - uma possibilidade...

A MULHER - Não compreendo, palavra que não compreendo...

O HOMEM - (com ternura) - Quero dizer-lhe baixinho, baixinho, em surdina, um segredo... (Chega os lábios aos ouvidos da MULHER e diz-lhe qualquer coisa. Ela baixa os olhos, muito corada.)

A MULHER - (com timidez) - Não. Isso não, nunca...

O HOMEM - E porque? É um instante de delírio e de prazer. Depois foge. Tudo fica como antes. Sou o HOMEM QUE PASSA. O desejo, o prazer caprichoso de um momento. Nada mudará nem na sua pessoa nem nesta casa. Seu marido não ficará sabendo... Será o sonho duma manhã clara... Então?

A MULHER - Não, é horrível, palavra, é horrível...

O HOMEM - Não é horrível: é delicioso.

A MULHER - Si eu ceder, nunca, nunca mais terei coragem pra olhar de frente o meu marido.

O HOMEM - Mas, minha senhora, os nossos pontos de vista aqui divergem... Esta estória de fidelidade conjugal... Não sei... Mas, diga-me: acredita que seu marido lhe tenha sido sempre fiel?

A MULHER - Lá isso não... Tenho até as minhas suspeitas e as minhas queixas, contra ele.

O HOMEM - Então? Porque hesita?

A MULHER - (tentada) - E si ele entra inesperadamente e nos surpreende?

O HOMEM - (com calma) - Essa história de entrar o marido inesperadamente e surpreender a mulher nos braços do amante



é coisa de romance, fantasia deplorável de escritor sem imaginação... Não ha tal na vida.

A MULHER - (sorridente) - O senhor tem argumento pra tudo. O senhor é um demonio...

O HOMEM - A vida é o momento que passa. O prazer é um imperativo irresistível. (Aproxima-se mais da MULHER e abraça-a delicadamente.)

A MULHER - (deliciada) - O senhor fala bonito como um doutor, pa lavra. (Leva a mão a cabeça do HOMEM e afaga-lhe os cabelos.) É irresistível... Cabelos crespos... O meu marido tem cabelos ondulados. Também é moreno, assim com esses olhos que querem comer a gente. Bem assim... (O HOMEM chega-se ainda mais à MULHER, fa-la deitar a cabeça sobre o seu ombro.) O senhor é tão parecido com o meu marido que chega até a me fazer saudade.

O HOMEM - (brandamente) - Querida!

A MULHER - Foi viajar. Também é doutor. Advogado. No principio também falava bonito, com cuidado, com palavras estudadas... Mas hoje fala como toda a gente, como eu, como o homem do gelo, como a creada, como...

O HOMEM - (atalhando) - Vamos, venha de lá um beijo, um beijo!

A MULHER - (alçando aos poucos a cabeça) - Mas eu gosto tanto de le. Escreveu ontem dizendo que volta na semana que vem. (Suspira.) Ai! Tanta saudade dele!... Bonito que é. Bem assim como o senhor...

As cabeças de ambos se aproximam, se tocam e os labios se colam num beijo longo.

CENA II

A MULHER, O HOMEM QUE PASSA E O MARIDO

O MARIDO - (Entrando de chofre e relanceando o olhar pela sala.) Ceus! Mas que é isto?

A MULHER e O HOMEM QUE PASSA, ainda colados um ao outro num beijo interminavel, não dão pela chegada do MARIDO.

O MARIDO - (depois de curta pausa) - Esta cena foi mal jogada. Não deu efeito. Sou um pessimo artista. Vou repetir... (Com entonação teatral.) Maldição! Horror! Adulteros! Morte! (O par amoroso continua imovel.) Qual! Hoje estou infeliz... (Caminha pra os amantes, chega-se para o HOMEM QUE PASSA e desfere-lhe violenta palmada nas costas.)

O HOMEM - (voltando-se rapido) Ui!

A MULHER - (quasi desmaiando) - Cruze!: Meu marido!

O HOMEM - (com calma) - Naturalmente estou perdido... Perdidissimo.

A MULHER - (pra o MARIDO) - Querido, não te zangues, eu explico... Este senhor... este senhor...

O HOMEM - Eu sou o HOMEM QUE PASSA, o desejo louco e irrefletido



dum momento, eu sou...

- O MARIDO - (atalhando, brutal) - O senhor é um homem morto. (Tira do bolso um revólver e aponta-o na direção do peito do outro.) Não se compursca - digo - não se conspurca um lar impunemente! (Preme o gatilho. O revólver faz - pum!)
- O HOMEM - (discretamente) - Aaai! (Leva a mão ao peito e cai, com muita decencia, sem perder a linha.)
- A MULHER - Santo Deus! Que horror!
- O MARIDO - (diabolico) - Agora tu, esposa infiel!
- A MULHER - (de joelhos, desgrenhada) - Perdão, amor, perdão! Pela nossa felicidade, pelos nossos filhinhos que ainda não nasceram, pel...
- O HOMEM - (interrompendo-a) - Não! (Com voz chorosa) Adeus, tranquilidade! Adeus, serões ao pé da estufa, leitura de romances de amor, beijos de ternura! Adeus rixas de todo o dia! Adeus!
- A MULHER - (chorando) - Perdôa! Perdôa!
- O MARIDO - (mais calmo) - Não, não perdôo. É preciso que morras. Pelo menos é de praxe... A tragédia ficaria incompleta sem a morte da adúltera. Os jornais não me perdoariam; nem a Sociedade. Tens de morrer...
- A MULHER - Mas é uma monstruosidade. Foi só capricho de um momento. A nossa ventura não pode ficar destruída só por isto, só por isto. Pensa bem, querido, pensa bem. Por ter beijado este cavalheiro eu não te quero menos. Nós todos somos umas pobres criaturas... As vezes não governamos a vontade. Caminhamos muito tranquilas pela nossa estrada quando chega um mau desejo e - zás! - lá nos vamos águas abaixo. Tudo se prepara pra nossa queda.
- O MARIDO - (sem vontade) - Vaes morrer apesar de tudo...
- A MULHER - (decidida) - Então mata! (Num gesto resolutivo mostra-lhe o peito.) Atira!
- O MARIDO - (vencido) - Não posso. É o diabo! Não tenho vocação pra tragédia. É horrível. Não posso. (Pequena pausa.) Mas é preciso, não ha outra saída...
- A MULHER - (serenamente) - Mas, amor, não temos culpa. (Levanta-se.) Foi Ele quem nos colocou nesta situação. Tudo se preparou de antemão. O drama estava escrito antes que nessessemos. Aí está. Somos como bonecos. Era inevitável...
- O MARIDO - (convencido) - Tens razão, menina, tens... Precisamos olhar a vida por outro prisma. Creio que será melhor. Haverá menos desgraças... Olha que eu não tinha lembrado disto... (Olhando pra o cadáver.) Mas eu me precipitei... matei o sedutor... Que culpa? Era da peça... O AUTOR meteu-me um revólver no bolso e me empurrou pra cena... Que culpa?
- A MULHER - Mas quem sabe? Quem sabe si a gente não pode desfazer tudo?
- O MARIDO - (Chegando-se pra o HOMEM QUE PASSA.) - Cavalheiro,



queira desculpar. Foi um momento de irreflexão. Agora estou sereno. Retiro a expressão... quero dizer - o tiro.

O HOMEM QUE PASSA - (Levantando-se com dignidade e concertando o nó da gravata) - Agradecido. Obrigadíssimo. (Curta pausa.) Mas como fica o drama agora? Prejudicado? (Todos se entreolham interrogadoramente.)

A MULHER - (radiante) - Olhem! Uma ideia! Vamos chamar o AUTOR.

O MARIDO - Magnífico! Vamos fazer uma rebelião! O AUTOR!

O HOMEM - (rindo) - As criaturas se revoltam contra o criador. Esplendidíssimo!

TODOS - (a um tempo) - O AUTOR! Que venha o AUTOR!!!

CENA FINAL

TODOS E MAIS O AUTOR

O AUTOR - (entrando clamamente, com ar sereno.) Aqui estou.

O HOMEM QUE PASSA - (solenemente) - Peço a palavra!

A MULHER Nada disso, direito ao assunto!

O MARIDO

O AUTOR - (autoritário) - Silêncio! Tem a palavra esta cavalheiro.

O HOMEM - Nós, criaturas, resolvemos nos insubordinar contra o creador. As cousas como estão feitas não nos agradam. É preciso reformar o enredo do drama. Não podemos expiar uma culpa que não temos e um pecado que não comemos por nossa vontade livre. Esta senhora é honestíssima. Eu sou um cidadão que ama a vida. Aquele senhor não se conforma com a situação de... de... O senhor sabe de quê... Mas como dizia: queremos uma reforma radical. Não toleramos mais esta farça.

O AUTOR - (encolerizado) - Farça, não! Veja como fala! Modifique a linguagem sinão eu lhe casso a palavra.

O MARIDO Não pode! Não pode!

A MULHER

O AUTOR - (soberano) - Calem-se! Vocês são todos criaturas minhas. Minhas! Movem-se ao sabor de minha vontade. Sou senhor absoluto do corpo e da alma de vocês...

O HOMEM - Engana-se, Quando eramos apenas ideia imprecisa que buscava expressão, quando morávamos dentro de seu cerebro, vagos e sem força - sim, então nós lhe pertencíamos. Mas não agora que nos projetamos na vida, definidos.

O MARIDO - Temos já conciencia.

A MULHER - E inconciencia às vezes...

O HOMEM - Somos de toda a gente. Já nos libertamos da lobreja prisão que eram as paredes do seu craneo. Pulámos pra



- luz. Agora somos o que o publico e os criticos quize
rem...
- O AUTOR - Sejam mais claros, digam o que querem.
- O MARIDO - Que você modifique o enredo da peça. Assim como está não presta. Não gostamos do dramalhão. Não posso matar minha mulher.
- A MULHER - Claro! Fui trazida pra vida sem ter sido consultada. Vim e gostei. Olhei o ceu que parece uma taça de... de... (pra o HOMEM) de que?
- O HOMEM - (compenetrado) - ... de porcelana azul, transbordando de luz.
- A MULHER - Obrigado. Sim... azul de porcelana transbordando de luz. Vi as velas manchadas alvejando brancamente o mar.
- O HOMEM - (escandalizado) - Oh! Perdão, minha senhora... É as assim: vi as velas brancas manchando alvamente o mar.
- A MULHER - Isso... isso. Vim e gostei. Agora não quero morrer.
- O AUTOR - (pra mulher) - É estranho. Eu não te imaginei tão ro mantica assim. Eras a mulher vulgar. Sem imaginação. Sem poesia. Como estás mudada... Ah! As influencias... sempre as influencias...
- O MARIDO - Em que ficamos, senhor AUTOR?
- O AUTOR - Mantenho a versão primitiva. Não mudarei siquer uma li nha. (Batendo palmas.) Senhores, vamos recomeçar a pe ça. (Prao HOMEM.) Compenetre-se de suas funções de mo to: deite-se ali.
- O HOMEM - (arrogante) - Muito obrigado, cavalheiro. Estou resol vido a ficar vivo e mais vivo do que nunca.
- A MULHER - (dengosa) - Oh! Senhor AUTOR, seja compassivo, seja bomzinho. (Chega-se pra ele e passa-lhe a mão carinho samente pelos cabelos.) O senhor vai mudar tudo como queremos, não é?
- O AUTOR - (recuando) - Que confiança é esta, minha senhora? Ten tando-me? Havia de ser muito bonito que o creador se apaixonasse pela creatura.
- O HOMEM - E que mal ha nisso? Não seria a primeira vez... Dizem que houve um certo senhor PIGMALIÃO...
- O AUTOR - (severo) - Cale-se! Vamos continuar a tragédia. Sei o que faço e o que fiz está bem feito.
- O MARIDO - Pois saiba que não obedeceremos. Resolvemos fazer uma revolta contra a sua onipotencia, ouviu? A peça não po de ter um desfecho fatal. Não queremos. Não gostamos.
- A MULHER - Eu não tenho culpa do que aconteceu. Foi a sua fanta sia que me conduziu à janela e que me fez pecar.
- O HOMEM - Foi o seu capricho que fez que eu passasse por esta ca sa e visse esta mulher, e entrasse, e...
- O MARIDO - (interrompendo) - E foi um safanão seu que me impeliu pra esta sala e fez que eu chegasse bem no "momento fa tal", como dizem os romancistas.
- O AUTOR - (com gravidade) - Sou onipotente e infalível. Quando



criei esta mulher ficou determinado que ela haveria de prevaricar. Quando imaginei e dei forma a esta cava lheiro reservei-lhe o papel de sdutor pra esta peça. (Monstrando o MARIDO.) E pra este homem, reservei a parte mais triste. Tudo estava determinado.

O MARIDO - Mas agora estamos revoltados e exigimos que você mude tudo. Vamos, decida-se!

O AUTOR - Não. Alterar o drama seria loucura. Uma alteração por leve que fosse estragaria a peça. Haveria pateada.

O MARIDO Não que(mudar? Pois

A MULHER nós mudaremos!

O HOMEM

O MARIDO - (Num gesto largo de doido.) - Senhores, grande confusão! Nada de logica! Nada de coerencia! Anarquia gēral!

Gritam. Pulam. Dão-se as mãos e se põem a rodopiar furiosamente ao redor do AUTOR. Depois de alguns minutos as mãos se desprendem, a roda se rompe e os três caem ao chão, tontos.

O MARIDO - (levanta-se) - Vingança! Vinguemo-nos do AUTOR! Não ha mais lei! As creaturas não obedecem mais ao creador! (Para o HOMEM.) Amigo velho, beija esta mulher. (Pra a MULHER.) Querida, beija esse homem. Eu voi cair no mundo. Vi esta manhã uma menina que vale todas as filosofias do universo.

O HOMEM - (interessado) - Olê! Conta-me lá isso depois...

A MULHER - (lançando-se aos braços do HOMEM) - Que lindo romance pra uma manhã de sol!

O MARIDO - Adeus!

O AUTOR - (prao marido) - Mas cuidado, homem, cuidado. Cautela com a policia, com as leis, com os costumes... Olha que lá fora as outras creaturas ainda não se revoltaram contra o creador...

O MARIDO faz um gesto de indiferença e sae.

O HOMEM e A MULHER abraçam-se furiosamente.

O AUTOR deixa-se cair desanimado sobre uma poltro na.

SBAT
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FINS DE CENSO APT
TO. A REPRESENTAÇÃO
SUJEITAS A NOVA CRIAÇÃO
REPRESENTANTE NO R. G. SUL

Q U A S I 1 8 3 0

De Erico Verissimo
1932 1972

FIGURAS:

- O POETA - (28 anos).
- A MULHER FEIA - (36 anos).
- A SENHORA GORDA - (40 anos).
- O VISINHO EXPERIMENTADO - (50 anos).

É no quarto do poeta tuberculoso. Pensão pobre de subúrbio. - Janela fechada, ao fundo. Porta a direita, pequena mesa, com livros e papéis esparsos; a esquerda, cama de ferro, em que o poeta está deitado. Junto da cama, um caixote. Sobre o caixote, vidros de remédio e uma garrafa que serve de castiçal.

Oito horas da manhã. A cena está sombria.

CENA I

O POETA E A MULHER FEIA

- A MULHER FEIA (abrindo a porta de mansinho) - Bom dia.
- O POETA - (soerguendo-se) - Bom dia. (Olha a recém vinda.) Ah! E's tu?...
- A MULHER (meigamente) - Está melhor?
Entra. Fica parada a dois passos da cama do poeta.
- O POETA (febril) - Sim... Mas porque demoraste tanto? Não te lembras do meu verso? "virás com a madrugada nova". Já é dia... Lá fora o sol anda despejando ouro por toda parte, como um príncipe prodigo...
Os olhos do poeta ardem. A tosse lhe corta frequentemente as palavras.
- A MULHER - Sossegue, mocinho, sossegue.
- O POETA (delirando) - Tu és a Bem Amada. O meu sonho era tão maravilhoso que parecia impossível. Tu chegas... Porque não vens vestida de noiva? Porque? É primavera. Lá fora as laranjeiras devem estar florindo... Não fizeste uma grinalda pra tua cabeça?
- A MULHER (desconcertada) - Ora... Não fale tanto, vai cansar... O senhor está enganado... Eu sou a vizinha aqui do lado. Sossegue. Quer um copinho de leite?
- O POETA (olhando as mãos da MULHER) - Bem como eu disse no poema: "Tuas mãos são dois lírios de cinco pétalas alvissimas..."



Disseram que era plagio. Eu chorei, chorei... Juro
que não é plagio... Invejosos!

A MULHER - Porque não toma um gole de remedio. Vamos abrir a ja
nela? Está tão abafado...

Caminha pra janela e abre-a de par em par. A luz
da manhã salta pra dentro do quarto num jorro dourado.

O POETA - Sol! O meu poema foi uma profecia. (Recita):

A minha amada chegou! Aleluia!

Ela me trouxe o sol nas suas mãos de milagre.

A minha amada chegou! Vitoria!

Todos os caminhos se iluminaram...

A minha vida flo... flo... ai!

Tem um acesso de tosse. Deixa cair a cabeça sobre
o travesseiro.

A MULHER (assustada) - Cuidado! Falou tanto... Tome um pouco da
gua, tome... (Dá-lhe de beber um pouco d'agua).

O POETA (com voz apagada) - Não diga nada a ninguem... Antes que
a noite chegue, antes que o ceu florece em estrelas ,
nós nos casaremos... Iremos depois bem juntinhos pelos
caminhos. A voz do vento perfumado será a nossa marcha
nupcial...

A MULHER - Sossegue, mocinho, o senhor está se cansando...

O POETA - A lua, com inveja de nós, se esconderá atrás da primei
ra nuvem. As estrelas, pasmadas, cessarão de br
lhar...

A MULHER - Quer que chame o medico?

O POETA - Querida, eu te amo. Eu te amo! Nunca quiz dizer... Eu
te via passar ao pé de mim... Mas ficava calado. Por
orgulho. Amando e sofrendo em silencio... Entretanto
tu vieste... (Olha fixamente prao rosto da interlocu
ra). Como és linda! Que lago encantado e cheio de luar
mora nos teus olhos?

A MULHER - Coitadinho, está variando... Tem febre...

O POETA - Quem foi o malvado que partiu em dois gomos o fruto
vermelho dos teus labios?

A MULHER - Fique quieto.

O POETA (excitado) - Beija-me, vem, beija-me!

A MULHER FEIA recua. O poeta estende os braços ma
gros, que se agitam inutilmente no ar. Depois cai, mo
to. Um jato de sangue escapa-lhe da boca e se alastrá
pelas cobertas da cama. A MULHER, espantada, abre a
porta e sai a correr.

CENA II

A MULHER FEIA, A SENHORA GORDA, O POETA MORTO, E
DEPOIS O VIZINHO EXPERIMENTADO

As duas primeiras entram.



- A MULHER FEIA (comovida) - Olhe, comadre, ali...
- A SENHORA GORDA (chegando-se pra cama, com ar de nojo) - Hum!
Parece que se foi mesmo...
- A FEIA (chorando baixinho) - Coitado, era tão moço...
- A GORDA - Me devia dois meses de pensão e doze mil e quinhentos de roupa lavada. Adeus!
- A FEIA - Estava variando, dizendo loucuras... Nem sei...
- A GORDA - Si eu pudesse adivinhar... Tuberculoso. Minha pensão está desmoralizada...
- A FEIA - Que vai fazer agora, comadre?
- A GORDA - Vou chamar o vizinho, que é um homem experimentado.
Ele pode nos ajudar.
Sai.
- A MULHER FEIA fica olhando perdidamente pra cada ver. Tem os olhos cintilantes de lagrimas. Começa a fãlar baixinho, sincopadamente.
- A FEIA - Tenho trinta e seis anos... Solteirona... Feia... Sem graça... Nunca ninguém gostou de mim... Só ele... - coitadinho! - só ele, hoje... E nunca mais... Também, estava variando... Só variando mesmo é que podia dizer a quilo... Nunca mais vou ouvir... Nunca, ninguém...
- Cala-se de repente, pois entram a SENHORA GORDA e o VIZINHO EXPERIMENTADO.
- A GORDA - Veja só que desgraça, vizinho...
- O VIZINHO - É singular. Palavra que é. Nunca imaginei que isto pudesse acontecer nos dias de hoje...
- Inclina-se sobre o corpo do poeta e ausculta-lhe - demoradamente o coração. Pega-lhe depois das mãos, que larga imediatamente, repugnado.
Está morto.
- A FEIA - Coitado...
- O VIZINHO - Um poeta de cabeleira que morre tuberculoso. É raro. Palavra que é. Bem como nos romances à moda de 1830. Tudo, sem faltar nada... Até a garrafa com o toco de vela fincado no gargalo... (Vê os papeis sobre a mesa). Um poema incompleto. Hum! Igualzinho...
- A FEIA - Pobre moço! Era tão delicado, tão tristonho...
- A GORDA - Quê! Um sonambulo. Sempre no mundo da lua. Escrevia - besteiras praos jornais e ganhava uma miseria. Quê!
- A FEIA - Credo, comadre! Respeite ao menos o cadaver do defuntinho. Acabou-se... Nunca mais...
- A GORDA - Hontem peguei o Tônico lendo o Cancioneiro Popular. Versos! Poetas! Dei uma sova no menino pra ele não lêr essas bobagens... Havia de ter graça que o meu Tônico virasse poeta pra, quando ficar homem, viver por ai de cabeleira crescida, pateta, dando prejuizos às pobres viúvas que ganham honestamente o seu pão nosso de cada dia.
- O VIZINHO - Bravos, comadre! Você parece que andou lendo o Perez



Escrich!

A GORDA - Já lhe disse que tenho odio dos poetas, ouviu? Odio! (Mudando de tom.) E o caixão? Donde vou tirar dinheiro prao enterro?

O VIZINHO - Vamos arranjar uma subscrição...

A GORDA - Me faça esse bem. Escreva o papel...

O VIZINHO (com empafia) - Vou escrever a epigrafe...

A GORDA - Ora, pra quê isso? Faça um abaixo-assinado...
Pra quê luxo em enterro de pobre?

O vizinho sorri. Senta-se à mesa e começa a escrever.

O VIZINHO (lendo lentamente) - Su-bs-cri-ção... (Detem-se por momentos. Depois escreve. Lê). Subscrição que se faz entre entre almas caridosas que queiram dar um... um... (Peñsa). Obulo ou obolo?

A GORDA - Ora, vizinho! Bote qualquer palavra. Com tanto que venha o dinheiro... E não se esqueça: si sobrar alguma cousa, me dê... Olhe que ele me devia dois meses de pensão e vinte mil e quinhentos de roupa lavada.

O VIZINHO - Pronto. (Levanta-se e lê mentalmente o papel. Guarda-o depois no bolso). Até a tarde temos o dinheiro - prao enterro. Até logo! (Sai).

CENA III

AS DUAS MULHERES E O DEFUNTO

A FEIA (sempre olhando o cadaver) - Veja como está palido, comadre, parece de cera, não é? Até era bonito...

A GORDA - Bonito? Cruzes! Um tuberculoso...

Na rua um vendedor canta o pregão: "VERDURAS! VERDURAS!" A MULHER GORDA debruça-se à janela.

A GORDA (pra fora) - Seu Manoel! Oh, homem!

A FEIA - Vou trazer flores... Pobresinho! Não tem quem chore por ele... Nem quem reze...

Ajoelha-se ao pê do cadaver e começa a orar em voz baixa.

A GORDA (pra rua) - Vieram os repolhos? Hein? Bons?

A MULHER FEIA termina a oração e conserva-se ajoelhada.

A FEIA - Nunca ninguem me olhou com aqueles olhos... Nunca... Nunca ninguem me falou em casamento... Sô ele... sô... Mas estava variando... Agora está morto... Nunca mais... (Olha pra MULHER GORDA, que continua à janela. Fala baixinho). E si ele não estivesse variando? Si tudo fosse verdade? Si fosse? Que bom! Oh! mas ele não sabia o que estava dizendo... Um dia... nem sei... até parece que ele me olhou...

A GORDA (gritando) - Olhe, seu Manoel, não se esqueça de me trazer batatas, amanhã, ouviu?



A FEIA (em surdina) - Uma vez ele estava à janela... Eu ai pas
sando... Parece que sorriu... E si tudo fosse verdade?
Mesmo pra morrer depois... Era só pra ouvir uma decla
ração de amor... Declaração de amor dum defunto... Uma
só vez na vida, a unica, a ultima... Eu sempre tive
vontade, tanta... Devia ser tão lindo!

Timidamente pega a mão do poeta morto. Vai beija
-la. Mas olha pra MULHER GORDA. Tem um sentimento irre
primível de pudor. Deixa cair a mão do cadaver.

E fica chorando com o avental nos olhos. Na vizi
nhança um gramofone começa a tocar a canção mais besta
dum carnaval que passou.

A GORDA - Seu Manoel! Olhe! Escute!

A FEIA - (soluçando) - Si fosse verdade... que... que... bb...
bb... bom...

A GORDA - Não se esqueça das batatas! Ba-ta-tas!

Ouve-se ainda o som rouco do gramofone, longe.

E o choro da MULHER FEIA, mais perto, mansinho.



LUIZ - Oh!... eu... (Nervosamente). Nada... Qual! Tolices...

PEDRO - Coragem. Não de vir dias melhores.

LUIZ - (aproximando-se da janela) - Lá está ele. parado, imóvel. Parece de pedra. Que será que enxerga? Coitado... Agora está sereno. Mas as vezes tem crises fortes, fica furioso. Frequentemente perde por completo a memória de todas as cousas. Depois vai se lembrando aos poucos...

PEDRO - Geralmente parece a creatura mais normal deste mundo... É singular.

LUIZ - É a tara, Pedro, a sina da nossa raça... (Suspira). Mais tarde ou mais cedo... to... (Hesita. Gagueja)... todos caem.

PEDRO - Vocês são uns visionarios. Precisam de combater essa imaginação doentia. Ora, não ha de ser como dizes...

LUIZ - (soturnamente) - Eu sinto, Pedro, eu sinto. É horrivel...

PEDRO - (com um sorriso forçado) - Sabes? Amanhã vamos dar uma batida nos arredores. Dizem que ha boa caça por aqui. Levaremos as nossas armas. Quero ver si sabes atirar decentemente...

LUIZ - (como si o não ouvisse) - Sim... todos caem... todos. Pois não é mesmo? Porque havemos de constituir exceção, eu e o Mario? Todos caíram, avós, pais, filhos... Todos... um por um... (Começa a andar nervosamente dum lado pra outro). É fatal... Um por um... um por um... todos...

PEDRO - (dissimulando) - O velho Silvano é caçador experimta.. do. Mas nós havemos de lhe levar vantagem, pois não é mesmo, Luiz?

LUIZ - E onde deixamos o Mario?

PEDRO - Vai conosco. Não iremos mui longe. Voltamos antes da noite.

LUIZ - - (como quem se recorda de alguma cousa). Noite? Pois ... sim.

Noite. (Fica repetindo a palavra, como si lhe quizesse penetrar mais fundamentalmente o sentido.) Noite... noite... (Um clarão lhe incendeia a face) Sim! Noite! (Pega a mão de Pedro.) Pedro! Tu sabes? A nossa casa era grande, fria e triste como um tumulo. Num corredor fundo e escuro havia um quadro... (Mudando de tom.) Mas é uma tolice... Pra que contar?...

PEDRO - Que é isto? Domina-te, rapaz. Assim vais mal.

Luiz senta-se pesadamente, esconde o rosto nas mãos espalmadas. Em seguida levanta-se, mais sereno.

LUIZ - (caminhando pra Pedro) - Não é nada, amigo. A doença do Mario me perturba. E as vezes eu sinto uma nuvem... uma nuvem que me tolda a razão. Mas passa logo, passa. Nós vamos caçar? Pois havemos de mostrar a esse velho idiota como é que se atira...

Entra Mario. Mansamente. Tem a aparencia dum homem normal. Para a soleira da porta.



MARIO - Boa tarde.

PEDRO e LUIZ - Boa tarde.

Mario aproxima-se de Luiz. Pega-lhe da mão com brandura.

MARIO - Luiz, eu estive olhando o céu, as montanhas e pensando... pensando em coisas deliciosas... Tu não te lembras? (Faz um gesto vago.) Na nossa casa... há muito, muito tempo... Hein? Não te lembras?

LUIZ - ?

MARIO - Naquele corredor escuro quando a gente caminhava os passos tinham um barulho que dava medo. Parecia um túmulo...

LUIZ - Sim... sim...

MARIO - Eu me lembro... Uma figura, um quadro...

LUIZ (com brilho inquietador nos olhos.) Um quadro...

MARIO - Contavam que tinha sido pintado por um louco...

PEDRO (interrompendo-os) - Por favor, rapazes, deixem disso.

LUIZ (sem atender-lo) - Uma mulher vestida de preto... com um véu escondendo o rosto... Não era?

MARIO - Sim... Uma mulher...

PEDRO (olhando através da janela.) Vejam que maravilha. O sol vai afundando atrás das cordilheiras. Como o céu tem cores bonitas! Venham ver...

LUIZ - Tu tinhas medo, Mario, não tinhas?

MARIO - Diziam que o quadro trazia desgraça... que era um mistério terrível...

LUIZ - A mulher de preto estava ereta, rígida, mãos muito brancas...

MARIO - Decerto eram frias...

LUIZ - (como se acordasse de repente.) Ora, Mario. Vamos falar em outras coisas. Vem olhar o sol.

Caminha pra janela e fica olhando o crepúsculo.

MARIO - Ninguém sabia o que havia por trás do véu preto. No fundo da figura, só escuridão... É uma noite... uma noite... eu era criança... vi no meu quarto um vulto. Era a mulher de preto, eu juro... Gritei. Mãe apareceu e disse que eu era um menino muito bobo. Mas papai ficou sério e achou que eu tinha visto mesmo...

PEDRO - Mario, porque não vais deitar? Deves estar fatigado.

MARIO - Luiz, por amor de Deus, dize-me como se chamava aquele quadro.

LUIZ (irritado) Mario, eu te peço, não fales mais nisto, não fales mais nisto!

MARIO - Eu sei... Chamava-se... a mulher... não!... a dama... a dama... a dama do... da... ora'...

LUIZ (nervoso) "A DAMA DA NOITE SEM FIM" Pronto! Estas contente?

MARIO (com um riso demente) - A dama da noite sem fim! (Caminha



pra Luiz e agarra-lhe ambos os braços) Conta o resto, conta!

PEDRO (separando-os) - Que é isto? Vocês parecem creanças...

A noite desce.

Ha luar. Ouve-se a cantiga funebre do velho caçador, fora.

LUIZ (irritado) - Pois eu conto. Uma noite o nosso pai acordou gritando, dizendo que a dama da noite sem fim tinha a parecido na escuridão do quarto.

MARIO - Conta, mano, conta...

LUIZ - (delirando) - Ela falava com voz gelada: "Vim buscar-te. Os outros já foram. Porque demoras tanto?"

MARIO (transfigurado) - Como é lindo... Conta mais, Luiz...

Pedro faz um gesto de desespero e sai pra fora.

LUIZ (num desabafo) - No dia seguinte o nosso pai foi encontrado morto ao pé do quadro da dama da noite sem fim.

Na mão, um punhal brilhando...

MARIO - E o rosto dele, morto, estava horrivel, Luiz, estava?

LUIZ - Estava lindo. Parecia adormecido. Até sorria...

MARIO - Decerto todos os nossos antepassados também sorriam as sim, não é?

LUIZ - Todos vamos sorrir esse mesmo sorriso. (Raivosamente.)
Eu! Tu também. Tu! A dama negra nos vem buscar, ouvis te? A nós dois, não podemos fugir...

MARIO - Sim... eu sinto.

Luiz tem como um momento de lucidez. Sua expressão fisionomica se transforma, recuperando a serenidade. A braça Mario e começa a chorar perdidamente.

LUIZ - Não, Mario, meu irmão, nós precisamos fugir... Somos mo ços. Temos de nos livrar da predestinação, da tara...

Ouve-se, vindo de fora a voz de Pedro: "Luiz, ve nha ver a luz da lua que vai subir!"

Luiz sai. Mario caminha até a janela. Olha pra fo ra. Silvano entra.

SILVANO - Boa noite.

MARIO - Boa noite.

Volta-se. Põe o indicador sobre os labios, pedindo silencio.. Chama Silvano com um aceno. O velho se apro xima.

MARIO (apontando pra fora.) Quem é aquela mulher ali?...

SILVANO - Onde, homem?

MARIO - (em surdina) Ssst! Fale baixo. 'Ali... Ali... De preto.

SILVANO - Não vejo ninguem. A noite de tão clara parece dia. Ve jo a estrada branquando. Vejo a boca do perau, a som bra das arvores, mas não enxergo mulher nenhuma...

MARIO - Ali bem pertinho... Está me chamando... Está aceno ando! Que será que quer comigo? (Silvano sai) - Eu vou...

Salta pela janela, rapido. Passam-se alguns segundos. A sala está sombria. Ouvem-se gritos, fora. Pedro e Luiz entram correndo.

LUIZ - (a janela) - Mario! Mario!

PEDRO - Mario! Para! Ele corre... o perau... Horror! (Tapa os olhos. Luiz dá um grito. Ficam ambos estarecidos, imoveis, aniquilados.)

SILVANO - (entrando) - Doido! Se foi. Não tive tempo de agarrar ele. Eu sabia... Eu sabia... Não deviam ter vindo.

Pedro deixa-se cair sobre uma cadeira. A fisionomia de Luiz tem uma expressão terrível de pavor.

LUIZ - Pedro, eu tenho medo, tenho medo...

PEDRO - Coragem. Era fatal...

LUIZ - (tremendo.) Mas foi ela... foi ela...

Ajoelha-se aos pés de Pedro e encosta a cabeça ao peito do amigo, como uma criança assustada.

PEDRO - Serena, rapaz, serena.

LUIZ - Pedro, eu não estou louco?... Estou?

PEDRO - Certo que não estás...

LUIZ - Então tu tens de acreditar em mim... (Voz sumida) Eu vi... eu vi...

PEDRO - Quem?

LUIZ - A mulher de preto... A dama da noite sem fim... Ela ia na frente de Mario... Ia chamando... ia arrastando...

Eu vi... A lua clareava tudo... Juro que vi... Foi ela que puxou o meu irmão pra o perau... foi ela...

PEDRO - Insensato! Não ha mulher nenhuma nas montanhas. Não é mesmo, Silvano?

O caçador dá de ombros. Ha um silencio curto e cheio de angustia.

LUIZ - Luz! Luz! Tenho medo... Tão escuro... E se a noite não tem mais fim? Luz! por amor de Deus! Luz!

PEDRO - Acenda o lampeão, Silvano.

SILVANO (sereno) - Amanhã vamos ver o cadaver... Deve estar em pedaços... (Risca um fosforo.) Eu bem dizia... Não deviam ter vindo... (O fosforo se apaga. O velho acende outro.) Ha um misterio muito grande... Os antigos contam que as vezes na calada da noite Ela anda perdida, pelas montanhas...

LUIZ - Ela? Ela?

SILVANO - Sim, porque essa mulher de preto, certo, é a própria... Pedro (interrompendo-o bruscamente.) Ssst!

Leva o indicador aos labios. SILVANO cala-se.

E a palavra terrível que o caçador não chegou a pronunciar fica ressoando como um agouro na sala sombria.